

## ANALOGIAS À SAÚDE MENTAL, MULHERES E SEUS ESPAÇOS E RETRATOS NA SOCIEDADE EPIDÊMICA

Gabriela Rempel Sena<sup>1</sup>  
Klaus'Berg Nippes Bragança<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo possui o objetivo de analisar três produções audiovisuais em relação à função de mulheres protagonistas em sociedades epidêmicas, destacando sua representação mental e física. Desde o início da produção audiovisual, várias obras vão representar analogias relacionadas as doenças como representações de monstros, de cenários apocalípticos e de epidemias, principalmente na atualidade do cinema contemporâneo. Com a atribuição de novos significados, novas representações e novos cenários, os subgêneros do terror e suspense estabelecem conexões análogas à realidade do mundo, principalmente nas funções de mulheres protagonistas. O estudo analisa as obras *Filhos da Esperança* (2006), *Corrente do Mal* (2014) e *Thanatomorphose* (2012), principalmente, as mulheres protagonistas respectivamente Kee, Jay e Laura, em relação à suas funções e suas utilizações na trama como artifício de tensão/aflição com a revisão bibliográfica de pesquisadores das áreas de cinema, antropologia e cultura, conclusivamente nas funções maternas, sexuais e abjetas do corpo feminino.

**Palavras-chave:** *Cinema, Doenças, Epidemia, Saúde Mental e Mulheres.*

### INTRODUÇÃO

O conceito de epidemia é a proliferação regional de uma patologia, ou em diversas regiões com números grandes de ocorrência da doença. De acordo com isso, podemos analisar seu contexto no cinema. Bragança em *As Doenças Monstruosas: Pequena historiografia das crises epidêmicas no cinema de horror*, as epidemias ocorridas ao longo da história do mundo inspiraram vários artistas a retratarem a realidade de suas ocorrências na sociedade. Tais representações vão espelhar a mentalidade e a atualidade do momento vivido. A representação plástica da doença estimula esse olhar da estigmatização, o retrato do isolamento. O autor também aborda sobre as “crônicas da peste” onde a peste desencadeia reações de desespero e pânico social, nessas crônicas também estão presentes elementos de fechamentos de pontos comerciais, pontos comunitários de engajamento social, sendo eles religiosos, culturais e de comunicação. Neste mesmo artigo, é abordado sobre a representação do monstro pela sua criação a partir da alegoria de contágio e da contração de uma doença.

---

1 Gabriela Rempel Sena, estudante do curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, gabrielarempelsena@hotmail.com;

2 Klaus'Berg Nippes Bragança, Doutor Docente do curso de Comunicação Social - Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, klausbraganca@ymail.com.

Em *A doença e os medos sociais* de Yara Nogueira e Maria Luiza Carneiro, conceitua e instiga a doença como um estigma social. O medo é definido como a insegurança que assegura a conformidade social e a conformidade cultural. A apreensão do medo faz emergir a cultura da segurança e do risco, que imbricam nos conceitos de estigma e do imaginário, exemplificando com a doença da lepra. A lepra afetava seus portadores de modo que os indivíduos se isolavam da sociedade por conta da sua doença altamente contagiosa, porém, mesmo com a descoberta da cura, o estigma de isolamento do leproso leva ao imaginário permanente do preconceito que o carrega. Tal analogia do estigma e do imaginário é observada nas metáforas de doenças monstruosas ocorridas no cinema contemporâneo.

A partir da análise do conceito de estigma e do imaginário, qual seria o conceito de monstros? Em uma análise particular, os monstros são representados como ameaças à humanidade ou indivíduo em tela, logo, é caracterizado seu estigma. Já o seu imaginário irá de acordo com o contexto histórico e cultural do indivíduo ou coletivo. No livro *Da natureza dos monstros* de Luiz Nazário, o monstro se define como um ser contraposto a sociedade, sua figura e o ímpeto humano de extermínio a bestialidade de sua composição. Toda a geração formal de uma espécie conhecida – crianças, bichos, andróides – pode converter-se à monstruosidade por um efeito de estranhamento (NAZÁRIO, 1998, p.11). A representação desses monstros pode se caracterizar como a utilização de uma máscara, seu exterior demonstra a bestialidade ilustrativa que o acompanha e seu entendimento, a indagação ocorrerá atrás da interpretação de seu interior por intermédio do imaginário.

As 3 obras fílmicas utilizadas nessa pesquisa são *Filhos da Esperança* (2006) de Alfonso Cuarón, *Corrente do Mal* (2014) de David Robert Mitchell e *Thanatomorphose* (2012) por Éric Falardeau, com protagonistas femininas que são utilizadas como objeto na narrativa de representação da saúde mental e de funções sociais dentro das sociedades epidêmicas estabelecidas nos filmes.

## **DESENVOLVIMENTO**

A partir de uma reflexão analítica acerca das doenças e sua relação social como um todo (RIBEIRO, NOGUEIRA, 2012), e mais especificamente acerca do cinema da saúde mental. Simultaneamente, se fez absolutamente necessário a reflexão acerca da relação da mulher na

sociedade epidêmica, acompanhando a historiografia da metáfora dos monstros e das doenças como um todo (BRAGANÇA, 2021). Seguida do estabelecimento de um histórico evolutivo da infecção monstruosa no cinema, considerando algumas alterações culturais e históricas ao longo das últimas décadas, particularmente no que se refere à representação das patologias mentais (GADELHA; PAIVA, 2007). Conclusivamente com a análise filmica com foco nas obras Filhos da Esperança, Corrente do Mal e Thanatomorphose buscando averiguar na estrutura de suas narrativas a presença da monstruosidade visível e invisível a partir do âmbito mental e social, identificando seus elementos de alteridade e tendências que possam ser acompanhados nos filmes, analisando seus elementos socioculturais, econômicos e políticos.

Com a análise das 3 obras filmicas, acompanhado do artigo “*Monstrous Feminine*” por Bárbara Creed, é possível identificar que o sistema de relações sociais e a ordem feminina é associada entre o humano e o não humano. Além da construção social das mulheres na sociedade, com raízes em diversas religiões que influenciam na percepção e na construção das artes, principalmente no cinema. Por inúmeras vezes, as atribuições monstruosas originam do sexual abjeto, da perversão, da morte e do próprio corpo feminino. Associando essas duas percepções podemos agregar a primeira obra Filhos da Esperança a função maternal e objeto de reprodução, a segunda obra Corrente do Mal a função sexual e objeto de morte e perversão, conclusivamente, Thanatomorphose a função abjeta e objeto de transformação do corpo feminino.

Alguns paralelos e similaridades são marcados nos três objetos de estudo em relação a cenas das filmografias. A primeira cena listada se refere às duas personagens protagonistas femininas em um balanço. Em Filhos da Esperança, a cena é marcada onde os personagens encontram uma escola totalmente abandonada, pois não há mais crianças no mundo, ao mesmo tempo que a grávida está no balanço, simbolizando seu futuro com a criança e sua inocência em relação de como criá-la, algo naturalizado ao longo da vida de uma mulher e que no contexto do filme, se torna inútil e impossível. Em Corrente do Mal, a cena é marcada pelo desespero mental e físico da protagonista fugindo da entidade, após a corrida, Jay para e descansa no balanço de um parque infantil, onde ela permanece por um tempo em silêncio e o filme não expressa seus pensamentos. Pode-se indagar sobre sua perda da inocência após a relação sexual que resultou em seu perigo permanente, ao mesmo tempo sua confusão em relação ao seu futuro.

Figura 1 - Kee no balanço

Figura 2 - Jay no balanço



Fonte: Filhos da esperança (2006).

Fonte: Corrente do mal (2014).

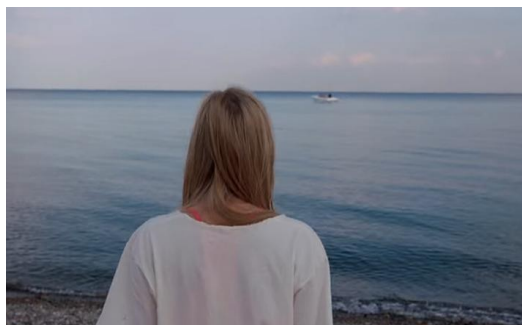
Essas duas cenas estão interligadas através da percepção da função social da mulher em contextos da sociedade normal ou epidêmica. Em ambas as situações, a mulher enfrenta penalidades relacionadas as suas relações sexuais, manifestadas tanto por lesões físicas resultantes de uma doença, quanto pelo ônus de cuidar de uma criança não planejada, desempenhando integralmente a função maternal e a função sexual.

Em *Corrente do Mal*, após a morte de um dos personagens que havia tentando ajudar Jay e que não acreditou na entidade, após uma nova tentativa de assassinato por parte da entidade, Jay encontra dois homens em um barco. O filme sugere que ela tenta transferir a ameaça da entidade para essas novas vítimas, desconsiderando seu braço quebrado e a possibilidade de contrair outras doenças sexualmente transmissíveis, demonstrando sua aflição e angústia com a perseguição da entidade. Essa entidade se move lentamente em direção às suas vítimas e, ao se aproximar, desencadeia ataques violentos, estabelecendo uma analogia direta com o vírus HIV, que pode permanecer no corpo do portador inativo por anos até se manifestar em sua forma mais agressiva (KITTA, 2019).

Em *Thanatomorphose*, a protagonista se imagina em uma cena de autópsia, no qual seu corpo desmembrado são jogados para seu namorado e seu amigo, ambos os quais a Laura teve relações sexuais e a única forma que Laura observa sua função vital ao longo da narrativa. Ao longo de *Thanatomorphose*, Laura diversas vezes pratica onanismo e cada vez mais seu corpo se degrada após as práticas. As transformações corporais são gráficas e expressam diretamente a depressão, a isolamento social e depreciação da higiene mental feminina, externalizando sua função abjeta e direta de depreciação do corpo, onde Laura apodrece lentamente, entrando em estado de decomposição até sua eminente morte.

Figura 3 - Jay observa barco

Figura 4 - Laura na autópsia



Fonte: Corrente do mal (2014)



Fonte: Thanatomorphose (2012).

A ação punitiva de suas liberdades de prazer é abordada em todos os filmes, mas os resultados variam significativamente. Enquanto Kee não demonstra culpa pela gestação não planejada, as protagonistas, Jay e Laura, enfrentam punições associadas às doenças contraídas. Essas punições às reduzem aos objetos sexuais de prazer, especificamente a personagem Laura, como objeto abjeto de precarização e de transformação do corpo feminino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o protagonismo independente e a não supressão dos prazeres das protagonistas destacam que, mesmo na atribuição de funções dentro de uma sociedade epidêmica, essas mulheres desempenham também a função de expressar suas emoções e a manifestar seus estados mentais. As reflexões sobre a representação do estado mental e as tomadas de ações dissertam acerca das doenças e da posição das mulheres em uma sociedade epidêmica, permitem o entendimento sobre a abordagem das funções narrativas dessas obras cinematográficas em relação a questões do mundo real. A culpabilidade associada aos prazeres e à aquisição de doenças é claramente imposta não apenas pelas protagonistas, mas também pela sociedade, amigos, parentes e outros indivíduos que as cercam nas tramas. Como resultado, são estabelecidas certas funções, fenótipos e assimilações nos filmes. A mulher é retratada como um objeto de troca para terceiros, e suas funções são exploradas como um fator de desespero e de identificação da espectadora com a obra.

## REFERÊNCIAS

BARBARA, Creed. **The Monstrous-Feminine: Film, Feminism, Psychoanalysis**. [S. l.]: Routledge, 1993. p.44-70.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. “**Novas doenças, velhos medos: a mídia e as projeções de um futuro apocalíptico**”. In: MONTEIRO, Yara Nogueira; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). *As doenças e os medos sociais*. São Paulo: Ed. FAP-UNIFESP, 2012, p. 13-36.

BRAGANÇA, Klaus’Berg Nippes. “**Infecções Audiovisuais: microbiologia, microcinematografia e os primórdios do filme de epidemia**”. In: FRANCO, Sebastião Pimentel et al (Org.). *Colóquio de História das Doenças: Anais*. Vitória: Editora MilFontes, 2022, p. 179-193. (ISBN: 978-65-5389-038-1). Disponível em: [https://editoramilfontes.com.br/acervo/Coloquio\\_de\\_historia\\_das\\_doencas\\_anais.pdf](https://editoramilfontes.com.br/acervo/Coloquio_de_historia_das_doencas_anais.pdf)

BRAGANÇA, Klaus’Berg Nippes. “**As Doenças Monstruosas: Pequena historiografia das crises epidêmicas no cinema de horror**”. In: *Anais do XIII Encontro Nacional de História da Mídia – ALCAR*. Juiz de Fora, MG: UFJF, 18 a 20 de agosto de 2021. disponível em: [https://secureservercdn.net/50.62.195.83/jga.766.myftpupload.com/wp-content/uploads/2021/09/26\\_gt\\_historiadasmidiasaudiovisuais.pdf](https://secureservercdn.net/50.62.195.83/jga.766.myftpupload.com/wp-content/uploads/2021/09/26_gt_historiadasmidiasaudiovisuais.pdf)

BRAGANÇA, Klaus’Berg Nippes. “**As doenças da mídia: contágio infodêmico no cinema de horror**”. In: BORGES, Cristian et al (Org.). *Anais de textos completos do XXIV Encontro da Socine*. Rio de Janeiro: Socine, 2021, p. 610-616. (ISBN: 978-65-86495-03-4). Disponível em: [https://www.socine.org/wp-content/uploads/anais/AnaisDeTextosCompleto2021\(XXIV\).pdf](https://www.socine.org/wp-content/uploads/anais/AnaisDeTextosCompleto2021(XXIV).pdf)

CARVALHO, Carlos Alberto de. “**Cinema e Aids no mundo da vida: representações de vida e morte**”. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação – BOCC*. Covilhã, Pt: Universidade da Beira Interior, 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/carvalho-carlos-cinema-aids.pdf>.

FERREIRA, Mariana de Almeida. “**Heróis de Máscaras no Sistema de Saúde do Brasil: a experiência da pandemia em Sob Pressão: Plantão COVID**”. *Revista GEMINIS*, Vol.11, n.2, mai./ago. 2020, p. 81-98.

GADELHA, Maria Julieta de Oliveira; PAIVA, Cláudio Cardoso. **A representação da doença mental no cinema: um estudo de mídia, comunicação e saúde mental**. Paraíba, Universidade Federal da Paraíba, 200-. Disponível em: [gadelha-julieta-paiva-claudio-representacao-doenca-mental.pdf](#).

LAHMA, Camila Magalhães. **Do monstro FREAK ao FREAK OUT: Uma tipologia histórica do anormal nos meios de entretenimento de massa**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: [Pantheon: Do monstro freak ao freak out: uma tipologia histórica do anormal nos meios de entretenimento de massa \(ufrj.br\)](#)

KITTA, Andrea. **The Kiss of Death: Contagion, Contamination, and Folklore**. [S. l.: s. n.], 2019.

MONTEIRO, Yara Nogueira; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). **As doenças e os medos sociais**. São Paulo: Ed. FAP-UNIFESP, 2012.

PRISCILA, Wald. **Contagious: Cultures, carriers, and the outbreak narrative**. [S. l.]: Duke University Press, 2008. 373 p.

REZENDE, Daniela Savaget B.; OLIVEIRA, Valdir de Castro. “**Sentidos produzidos sobre e pela mulher no contexto social da aids**”. In: Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. Recife: UFPE, 02 a 06 de setembro de 2011.

RIBEIRO, Maria Izabel Branco. “**Arte e Doença: Imaginário Materializado**”. In: MONTEIRO, Yara Nogueira; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). *As doenças e os medos sociais*. São Paulo: Ed. FAP-UNIFESP, 2012, p. 61–81.

SONTAG, Susan. **A doença como metáfora**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

SONTAG, Susan. **Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

VASCONCELOS-SILVA, Paulo R.; CASTIEL, Luis David. “**COVID-19, as fake news e o sono da razão comunicativa gerando monstros: a narrativa dos riscos e os riscos das narrativas**”. *Cadernos de Saúde Pública*, Vol. 36, n. 7, 2020. NAZÁRIO, Luiz. *Da natureza dos monstros*. São Paulo: Editora Arte & Ciência, 1998.